



**A Transformação Vampírica em *Entrevista com o Vampiro*, na obra de Neil
Jordan**

Adrianna Alberti (UFMS)

(adrianna.alberti@gmail.com)

Ramiro Giroldo (UFMS)

(r_giroldo@yahoo.com.br)

Resumo: A imagem do vampiro na cultura popular costuma abarcar diferentes ideias e descrições, desde uma concepção de origem mitológica/folclórica, remetendo a lendas russas, gregas, indianas e outras, até a mídia audiovisual contemporânea, que cria e recria mitos e nos oferece vampiros de diversos feitios. O trabalho proposto aborda o filme *Entrevista com o Vampiro*, dirigido por Neil Jordan e lançado em 1994, inspirado no livro de mesmo nome, publicado por Anne Rice em 1976, em língua inglesa. Diante de postulados de Vernet (2012), consideramos essa obra um filme de cinema narrativo, com uma forte representação social, veiculando representações da contemporaneidade. Com o objetivo de compreendermos a representação da figura do vampiro, observamos na obra cinematográfica de Neil Jordan a transformação do humano para o vampiro do personagem Louis Pointe du Lac, personagem principal e narrador da história, para identificarmos como Jordan cria sua visão de vampiro: diferente do tradicional; que procura conhecimento de si e do mundo; que busca entender sua função no mundo, um sentido para a vida; apresenta problemáticas típicas do homem, com questões de cunho filosófico e moral, atormentado por sua consciência, tendo como pano de fundo as mudanças dos séculos. Para fornecer o devido embasamento teórico-crítico, o trabalho se ampara em proposições de Aumont (2012), Vernet (2012), Melton (2011) e Garcia (2015).

Palavras-chave: Neil Jordan; Fantástico; Vampiro.

Abstract: The image of the vampire in popular culture usually encompasses different ideas in descriptions from a conception of mythological/folk origin, referring to Russian, Greek Indian and other legends, to contemporary audiovisual media, which creates and recreates myths and offers us vampires of various shapes. The work approaches the film *Interview with the Vampire*, directed by Neil Jordan and released in 1994, inspired by the book of the same name, published by Anne Rice in 1976, in English. Based in Vernet's (2012) postulates, this work is considered a narrative cinema film, with a strong social representation, conveying representations of contemporaneity. In order to understand the representation of the vampire figure, we observe in Neil Jordan's cinematographic work the transformation from human to vampire of the character Luis Pointe du Lac, main character and narrator of the story, to identify how Jordan creates his vision of vampire: different from the traditional; who seeks knowledge of themselves and the world; who seek meaning in their role in the world, a meaning for life; presents typical problems of man, with questions of a philosophical and moral nature, tormented by his conscience, having as background according to the changes of centuries. To provide the proper theoretical-critical foundation, the work is supported by prepositions by Aumont (2012), Vernet (2012), Melton (2011) and Garcia (2015).



Keywords: Neil Jordan; Fantastic; Vampire.

Introdução

O sobrenatural e o inexplicável permeiam o imaginário popular e as diferentes culturas com histórias de criaturas misteriosas, monstros, situações estranhas e impossíveis. Para o Ocidente, no século XVIII, com a modificação da relação do homem com o sobrenatural, ocorre um marco importante para se pensar essas narrativas sobre criaturas impossíveis. O que antes era considerado como uma verdade, com o racionalismo advindo do Iluminismo a existência do sobrenatural passa a ser parte de crenças e superstições, tornando-o inofensivo e desacreditado, portanto, relegado a uma existência ficcional.

O romance gótico europeu, em particular, oferece um espaço de permanência para o sobrenatural, histórias então que revisaram e narravam a cultura, o folclore e a superstição medieval propiciaram a propagação de histórias com atmosfera de terror, pavor, eventos insólitos e ocorrências sobrenaturais. É no espaço literário que as fronteiras entre o real e o desconhecido e o interior e o exterior do ser humano são abolidas, destacando o irreal, o sonho, a magia e a relação desses com o mundo (BATALHA, 2003; MARTONI, 2011; ROAS, 2014). Os teóricos literários vão apontar que a literatura gótica, a partir dos escritores românticos do século XIX, trouxeram o cotidiano dos leitores – saindo, portanto, de uma ambientação de castelos medievais e casas antigas –, a literatura fantástica passa a trazer o inexplicável, a hesitação e as projeções subjetivas para o cotidiano.

David Roas (2014) caracteriza o fantástico como o espaço de conflito entre a realidade e o inexplicável, através de uma transgressão de uma ordem dada, desestabilizando os limites e a validade da forma como se percebe o real a partir da experimentação da inquietação pela falta de sentido, ou pela falta de sentido do real. O sobrenatural é, dessa forma, o elemento transgressor dessa realidade. Para tanto, o contexto sociocultural é importante para essa experiência, pois, a representação da realidade depende do modelo de mundo que determinada sociedade parte.



Nessa perspectiva, a criatura monstruosa chama a atenção. Roas (2019) dirá que a existência do monstro subverte os limites físicos, morais e biológicos que são aceitáveis socialmente; o monstro permite tanto a metáfora dos medos e do desconhecido, quanto nos coloca em contato com os desejos ocultos e obscuros do ser humano. O monstro é a representação da transgressão e da desordem, o anormal diante da normalidade.

Abordamos, aqui, a figura do vampiro, como criatura monstruosa transgressora, que, antes de apenas expressão dos medos, também fala daquilo que se almeja, porém, não se é. O vampiro é identificado com o prazer, a noite, a desordem. Simbolicamente, representa o caos inserido em um aparente mundo tranquilo e ordenado, trata-se de uma relação de atração e repulsão, de fascínio e de medo (ROAS, 2019).

Cabe mencionar que também entendemos o fantástico não como um gênero restrito à literatura, mas, concordando com Roas (2014), como uma categoria estética mais ampla, que abarca não apenas a literatura, mas também o cinema, jogos e outras expressões humanas. Para o autor, embora não haja no fantástico um procedimento linguístico formal próprio, ele é configurado por meio de construções narrativas particulares. Para o autor, é na linguagem que o fenômeno inexplicável ocorre; o artista fala do ainda não dito, problematizando os limites entre o real e o irreal, sem apagar suas fronteiras.

Pretendemos com este ensaio acrescentar discussões sobre os temas do fantástico para ampliar o horizonte desse campo, para tanto, temos como objeto de discussão a obra *Entrevista com o Vampiro* do diretor Neil Jordan, lançado originalmente em 1994, “adaptada” da obra literária de mesmo nome, escrita por Anne Rice. Entendemos que a adaptação filmica é uma construção de inter-relação discursiva, onde um texto passa pelo processo criativo de transformação para um roteiro, dialogando com o texto original, sendo este diálogo caracterizado para abertura de outros textos e contextos. A adaptação é uma mudança de linguagem, de meio e de forma narrativa (RICKLI, 2015). Linda Hutcheon, em 2011, como cita Mazieiro (2018), indica que nesse ponto de vista a narrativa é vista por outra perspectiva, “a adaptação é, pois, vista como criação, ou re-criação e reinterpretação de um texto já existente. É uma concepção que considera, portanto, a recepção dessa nova obra por uma audiência” (MAZIEIRO, 2018, p. 418). E mais, a adaptação não é uma reprodução do texto



original em um sentido de réplica, mas sim, um processo de ajuste, alteração e de criação de possibilidades na transformação de linguagem e de formato.

Acreditando que o processo criativo entre um texto literário e cinematográfico seja uma tradução de uma linguagem para outra, deve-se levar em consideração o suporte, gênero, formato e linguagem, pois esses elementos modificam tanto a maneira como as obras são percebidas quanto a interação do público com elas (MAZIEIRO, 2018).

Representações do Vampiro na Cultura Popular

O vampiro é um conceito que igualmente abarca diferentes ideias, embora o senso comum mais difundido seja que para se tornar um vampiro é necessário morrer e retornar à uma não-vida e alimentar-se de sangue. Vampiro, de acordo com o dicionário, tem a seguinte acepção: “Vampiro: vam-pi-ro. sm. 1. Ente fantástico que, segundo a credence popular, ergue-se das sepulturas para sugar o sangue dos vivos” (MICHAELIS, 2021, s/p.). A palavra vampiro tem origem do *vampir* sérvio e do *upyr* de origem russa, Melton (2011) aponta o vampiro como um cadáver reavivado, que suga o sangue dos vivos (a energia vital) para manter-se vivo (um morto-vivo). O vampiro era desde o início relacionado a criaturas sobrenaturais, normalmente seres demoníacos e entidades espirituais e seu mito é observado em relatos em diferentes lugares, a lãmia da mitologia grega, langsyuar na Malásia, vampiri na Itália.

Garcia (2015) destaca que os primeiros vampiros eram sedutores, galantes aristocratas, atacando tanto pelo sangue quanto pela conquista e pelo dano que pode causar (citando Lord Rutheven de Polidori), também poderiam se apresentar em uma dualidade saudável e sensual, mas frágil e debilitada (citando Carmilla Karnstein de Sheridan Le Fanu – essa personagem é a que traz a característica dos dentes pontiagudos e também a homossexualidade). Drácula também se apresenta como uma figura de destaque quando o assunto é a imagem do vampiro: um velho de aparência maldosa, viril e animalesca. Bafo, pelos nos dedos e diversos atributos não muito atraentes faziam parte de sua descrição. Seus ataques não eram baseados em sua sensualidade e sim em seus poderes de hipnose e



extrema força” (GARCIA, 2015, p. 19). As três histórias trazem também a associação do vampiro com o sangue, deixando de ser criaturas meramente aristocráticas assassinas, mas também predadoras.

Outras características que comumente são atreladas à figura dos vampiros são a vulnerabilidade ao sol, “a possibilidade de morrer com crucifixos, estacas, água benta e outras ferramentas” (GARCIA, 2015, p. 20). O imaginário mais moderno apresenta o vampiro em diversas formas, assumindo tanto o papel de vilão quanto o de herói.

Garcia (2015) destaca Anne Rice, cujos vampiros são belos e sedutores, a série televisiva *TruBlood*, cuja sensualidade abre espaço para uma sexualidade exacerbada e a série *Crepúsculo*, que traz o romântico intensificado. Em comum esses três exemplos trazem os vampiros a partir de um ponto de vista feminino, bem como, trazendo um vampiro ainda mais humanizado. O vampiro contemporâneo, aponta o autor, é um ser pensante, vivente dentro de uma comunidade onde expõe sentimentos e filosofias, não apenas como um predador, vilão, super-herói ou outras características restritas.

Pensando no aspecto teórico e sua função na narrativa, como parte da categoria estética do fantástico, para Todorov (2008) o vampiro faz parte dos temas que dizem respeito aos desejos proibidos e tabus não aceitos socialmente, associando-o ao desejo que passa pela crueldade para o tema da morte, que se estabelece a partir de uma relação entre medo e amor e como variante do desejo (amor) pela morte, encontra-se o desejo voltado ao corpo (cadáver), levando à necrofilia. O teórico sobrepõe termos como sexualidade e morte a outros, como lobisomem e vampiro, porém, sem desejar estabelecer de forma definitiva uma relação de significação entre eles, buscando mais uma compatibilidade do que interpretação causal.

Segundo Roas (2019), o monstro encarna os nossos medos ancestrais (como o medo da morte e do desconhecido), apontando para uma questão importante em relação à forma como o ser humano elabora a representação subjetiva de seus medos na literatura. Os monstros são a representação da transgressão e da desordem, sendo antinaturais tanto do ponto de vista físico, como do psicológico. Eles são paradoxais: impossíveis de ser. Através do discurso fantástico, trazem à luz aquilo que é proibido, que na mente foi reprimido. E tal conteúdo, por estar socialmente estabelecido (em uma dada época histórica, sob o viés do



pensamento vigente), explica o motivo da presença e das funções do monstro fantástico se atualizarem (ROAS, 2014). Em sua obra *A Ameaça do Fantástico: aproximações teóricas* (2014), tratando sobre o fantástico no cinema, ele aponta que o vampiro é uma figura transgressora devido a sua natureza impossível.

Entrevista com o Vampiro

Entrevista com o Vampiro, do diretor Neil Jordan, lançado originalmente em 1994, com 2h03min de duração, sendo considerado parte dos gêneros de drama, fantasia e terror. Tem como elenco principal os atores Brad Pitt que interpreta Louis Pointe du Lac, Tom Cruise que interpreta Lestat de Lioncourt e Kristen Dunst como Claudia. Diante de postulados de Vernet (2012) sobre a narrativa no cinema, consideramos essa obra como um filme de cinema narrativo, com uma forte representação social, veiculando representações da contemporaneidade (tanto no presente histórico de Lestat – enquanto ser vivente da década de 90, quanto em seus questionamentos, que perpassam sua história, tendo em vista que ele é fruto de 200 anos de construção social e histórica).

Neil Jordan oferece a imagem de vampiro diferente do tradicional, um vampiro que procura conhecimento de si e do mundo, que busca entender sua função no mundo, um sentido para a vida. Apresenta questões típicas do homem, com questões de cunho filosófico e moral, atormentado por sua consciência, tendo como pano de fundo as mudanças dos séculos (VIEIRA, 2011).

É narrada a história de Louis Pointe du Lac. Em uma entrevista, Louis nos conta sobre sua tragédia pessoal, aos 24 anos, senhor de plantações ao sul de Nova Orleans, tendo perdido a esposa e o filho no parto menos de seis meses antes dos eventos que o levaram a ser transformado em vampiro. Não suportando a dor da perda, ele se arrisca em bebedeira, brigas, jogos, apostando no que tinha para que a morte o encontrasse. Até que Lestat o encontra após uma quase briga em um bordel, durante um assalto, e se alimenta dele, para depois de algum tempo oferecer a escolha de uma nova vida, como vampiro. Nos primeiros anos ele e Lestat, vivem em Nova Orleans, período em que ocorre também a transformação de Cláudia, na tentativa, depois de 60 anos vivendo os três juntos, de assassinar Lestat e,



posteriormente Louis e Cláudia fogem juntos para a Europa. A busca por outros vampiros, o encontro com o Teatro de Vampiros, Armand e a derradeira morte de Cláudia, que o torna um vampiro solitário até os tempos modernos. “O filme desloca o foco da narrativa para o protagonismo dos vampiros Lestat e Louis que, ao longo da trama, oscila entre os pares de opostos: Criador/Criatura, Mestre/Discípulo; Amado/Inimigo” (SIERPINSKI; CONSANI, 2019, p.403).

Transformações dos vampiros

Aqui, os vampiros não são afetados pelos símbolos cristãos, a cruz e as igrejas não significam sofrimento. O caixão não se trata de uma necessidade, mas de uma conveniência, os vampiros poderiam apenas retornar à terra, ou em uma câmara protegida, no entanto, a maioria dos vampiros utilizam-se de caixões para dormir. Nessa narrativa, os vampiros são afetados pelo sol, que os queima e matam. O vampiro é transformado em sua plena juventude (Louis, por exemplo, aos 24 anos de idade), uma vez que os vampiros mais velhos tendem a transformar os humanos pelos quais se sentem atraídos ou se apaixonaram. Para que ocorra a transformação, é necessário chegar ao limiar da mortalidade e, alimentado com o sangue de seu criador.

No filme observamos a seguinte sequência. Louis é atacado por Lestat e, embora em dor, agarra-se ao vampiro e lentamente deita-se no chão. Lestat avisa Louis que o drenou até quase a morte e fala que se o deixar ali, daquele jeito, ele morrerá e oferece então a imortalidade e juventude eterna que é aceita rapidamente por Louis.

Imagem 01: Lestat mordendo e sugando o sangue de Louis até o limiar.





Fonte: *Entrevista com o Vampiro*. 11m56s.

Imagem 02: Lestat sangra seu pulso para Louis se alimentar e iniciar a transformação em vampiro.



Fonte: *Entrevista com o Vampiro*. 12m48s.

A passagem de humano para vampiro de Louis acontece de maneira muito peculiar: seus sentidos se destacam, mostrando-se mais aguçados e diferentes. Essa transformação é visualmente marcada pela mudança não apenas dos olhos e da percepção visual de Louis, mas também por sua maquiagem e cabelo – como mostramos nos frames a seguir:

Imagem 03: Louis sofrendo durante sua morte.



Fonte: *Entrevista com o Vampiro*. 13m32s.

Imagem 04: Morte de Louis.



Fonte: *Entrevista com o Vampiro*. 14m09s.

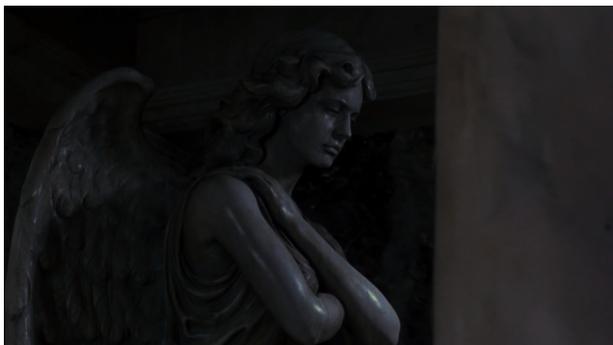
Imagem 05: Louis abre os olhos já como vampiro.



Fonte: *Entrevista com o Vampiro*. 14m12s.

O momento em que Louis vê como um vampiro é marcado, principalmente, por sua visão da estátua que se encontra no cemitério. Na cena, Louis a observa e o filme, para marcar a mudança nos mostrar inicialmente como humanos a veriam, normal, para com uma passagem do movimento por um pilar cenográfico, marcando a mudança, a estátua se encontra de olhos abertos., como na sequência a seguir:

Imagem 06: Estátua no cemitério, visão normal.



Fonte: *Entrevista com o Vampiro*. 14m33.



Imagem 07: Estátua no cemitério, visão vampírica.



Fonte: *Entrevista com o Vampiro*. 14m40s.

A mudança no filme nos oferece uma leitura possível de que os olhos vampiros veem não apenas com sentidos aguçados, mas próprios para verem coisas que um ser humano não veria, um não existente ou um impossível ao ser humano.

Considerações Finais

Jordan apresenta um vampiro que, diante de seus anos de lançamentos, são diferentes dos vampiros que se apresentavam anteriormente na cultura popular, muito influenciados por Drácula. É um vampiro que não se transforma em animais, é refletido em espelhos, não teme símbolos católicos, nem alho, não podem sair ao sol, seus próprios poderes sobrenaturais são variados de indivíduo para indivíduo (Lestat lia mentes, Louis e Cláudia não; Lestat e Louis tinham a capacidade de transformar outros humanos em vampiros, Cláudia não).

Em relação às diferentes maneiras narrativas, podemos observar que no filme a construção ocorre, principalmente, por meio das imagens. Concordamos com Rickli (2015) quando diz que, a cinema apresenta várias linguagens em uma, caracterizando especialmente, assim, a linguagem sonora, textual, fotográfica, dá origem a uma própria linguagem cinematográfica.

Referências

AUMONT, Jacques et al. **A Estética do Filme**. [Trad. Marina Appenzeller]. Campinas: Papyrus, 2012.



BATALHA, Maria Cristina. A Importância de E.T.A. Hoffmann na cena romântica francesa. In. **Alea**, v. 5, n. 2, p. 257-271, 2003.

ENTREVISTA com o Vampiro. Direção: Neil Jordan. Produção: David Geffen; Stephen Woolley. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures; The Geffen Film Company. 1994.

GARCIA, Yuri. O vampiro também é cult. Uma análise dos vampiros contemporâneos e suas novas investidas no audiovisual. In. DAVINO, Glauca; BELLICIERI, Fernanda [org.]. **Cenas das interfaces com o mercado**: histórias de roteiristas. São Paulo: Edição do Núcleo Audiovisual, 2015.

MARTONI, Alex Sandro. A Estética Gótica na Literatura e no Cinema. In. RODRIGUEZ, Benito Martinez [org.] **Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada**. Curitiba: ABRALIC, 2011.

MAZIEIRO, Aline Cristina. Da adaptação à transcrição: olhares sobre as transposições televisivas de *O Tempo e o Vento*. In. **Caderno Seminal Digital**, v. 29, n. 29, 2018. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/viewFile/30522/23608>
Acesso em 21 de junho de 2021.

MELTON, J. Gordon. **The Vampire Book**: The Encyclopedia of the Undead. Detroit: Visible Ink, 2011.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Michaelis Online. Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em:
<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vampiro/>. Acesso em: 21 de junho de 2021.

RICE, Anne. **Entrevista com o Vampiro**. [Trad. Clarice Lispector]. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

RICKLI, Andressa Deflon. Cinema e Literatura - a adaptação em cena. In. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação**. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:
<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3574-1.pdf>. Acesso em 21 de Junho de 2021.

ROAS, David, **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. São Paulo: Unesp, 2014.

ROAS, David. **El monstruo pós-moderno y los limites de lo fantástico**. Rio de Janeiro, UERJ, 2014. (Palestra).

ROAS, David. El monstruo fantástico posmoderno: entre la anomalia y la domesticación. In. **Revista de Literatura**, v. LXXXI, n. 161, p. 29-56, 2019. Disponível em:



<https://revistadeliteratura.revistas.csic.es/index.php/revistadeliteratura/article/view/482/494>. Acesso em 21 de junho de 2021.

SIERPINSKI, Natália Rosa Muniz; CONSANI, Marciel Aparecido. Entrevista com a vampira: comparando narrativas e desconstruindo discursos. In. DAVINO, Gláucia [org.]. **Histórias de Roteiristas: narrativas difusas em suportes sensíveis**. São Paulo: Corpo Texto, 2019.

TODOROV, Tzvetan, **Introdução à literatura fantástica**. [Trad. Maria Clara Correa Castello]. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VERNET, Marc. Cinema e Narração. In. AUMONT, Jacques et al. **A Estética do Filme**. [Trad. Marina Appenzeller]. Campinas: Papirus, 2012.

VIEIRA, Maytê Regina. O vampiro imortalizado através do cinema. In. **Anais do Seminário Internacional História do Tempo Presente**, UDESC, ANPUH-SC. 2011. Disponível em: <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/viewFile/358/281>. Acesso em 21 de junho de 2021.